

25/04/2018 às 05h00

## Ser economista no Antropoceno

Por José Eli da Veiga



Esses bolinhos chamados de "donuts" pelos americanos, "doughnuts" pelos britânicos e "dónutes" pelos portugueses têm a forma de rosca, ou de miniatura de câmara de ar de pneu. É preciso ter essa imagem em mente para poder entender o título de oportuno livro didático sobre o pensamento econômico, lançado pela Random House Business Books:

Doughnut Economics. A autora, Kate Raworth, hoje professora em programas de pós-graduação das universidades de Oxford e Cambridge, já tinha antes grande notoriedade por atuações no Pnud e na Oxfam, alicerçadas em pesquisas sobre empreendedorismo social na Tanzânia.

A imagem do bolinho foi inspirada pelo diagrama que vem sendo usado desde 2009 pelos cientistas que estudam o "Sistema Terra" ao procurarem sintetizar uma dezena de condicionantes ecológicas do desenvolvimento humano: as já bem conhecidas "fronteiras planetárias". O que a autora pretende é que em tal diagrama sejam embutidas, de forma bem explícita, suas fronteiras internas de natureza social.

Assim, na parte externa da rosca aparecem a dezena de limiares naturais: acidificação dos oceanos, aquecimento global, depleção da camada de ozônio, erosão da biodiversidade, excessivas cargas de nitrogênio e fósforo, inseguranças hídricas, poluições do ar, poluições químicas e usos irresponsáveis dos solos. E por dentro, uma dúzia de direitos humanos que continuam desrespeitados aos setenta anos de sua Declaração Universal. Também em ordem alfabética: água, alimento, educação, energia, equidade social, habitação, igualdade de gênero, influência política, paz-e-justiça, redes, saúde, trabalho-e-renda.

***Raworth tem esperança de que os economistas venham a se tornar 'agnósticos' em vez de viciados em crescimento***

Porém, vai muito além a principal contribuição do livro, pois sua real ambição é expor a tese de que são sete os "caminhos" a serem trilhados para que o pensamento econômico supere sua trágica obsolescência. Sete insights nos quais ela diz que gostaria de ter esbarrado ao longo da graduação e mestrado em economia do desenvolvimento. Daí o subtítulo: "Seven Ways to Think Like a 21st-Century Economist".

Dos sete capítulos dedicados à defesa de tal tese, quatro são sobre crescimento econômico. 1- A autora mostra esperança de que não demore para que os economistas venham a se tornar "agnósticos" em vez de "viciados" em crescimento. Pois eles já não podem supor que 2- o crescimento seja redutor de desigualdades, ou que ele 3- ajude as sociedades a cuidarem do ambiente. Três "caminhos" que juntos levariam ao 4- substituição do PIB por bússola similar ao seu curioso "doughnut".

Bem mais desafiadores são os demais "caminhos", pois esbarram em dificuldades cognitivas ainda mais sérias: a ideia de mercado autorregulado, o mito de homem econômico racional e sobretudo a insólita noção de



**José Eli da Veiga**

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE-USP). Por trinta anos (1983-2012) foi docente do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), onde obteve o título de professor titular em 1996. Tem 25 livros publicados, entre os quais: Para entender o desenvolvimento sustentável (2015), A desgovernança mundial da sustentabilidade (2013), ambos pela Editora 34. Fale com José Eli

## Mensagens dos leitores

### Delação

A continuidade e amplitude da delação premiada do dono da JBS, apresentando mais documentações sobre tais relações espúrias entre a empresa privada e gestores públicos, é emblemática. Os efeitos de dita delação, tudo leva a crer, atingirão alguns caciques de grandes partidos políticos, o que certamente poderá mudar o panorama eleitoral próximo, com...

25/04/2018 às 05h00 - José de Almeida -

### Década perdida

Ao ler o artigo do Nilson Teixeira, agudo conhecedor de nossos problemas econômicos, "Otimismo no longo prazo ainda é viável", publicado na edição de 24/4/2018 do **Valor**, é difícil concordar com ele no que se refere a uma visão otimista do país no longo prazo, que poderia se iniciar com a próxima eleição presidencial. São tantos os...

25/04/2018 às 05h00 - Dirceu Luiz Natal -

o mito do homem econômico racional, e, sobretudo, a ingenua noção de

equilíbrio. A esse trio a autora contrapõe outro, formado pela visão de uma economia integrada e imersa ("embedded"), o entendimento da adaptabilidade humana, e a difícil ideia de complexidade dinâmica.

Um dos grandes méritos da narrativa de Raworth é trocar em miúdos essa tal de "complexidade", assunto muito em voga mas sobre o qual as retóricas costumam ser das mais intangíveis, volúveis e etéreas, quando não fantasiosas. Começa por rememorar três noções relativamente simples: estoques/fluxos, circuitos de retorno ("feedback loops") e demora/retardamento ("delay"), para em seguida desafiar o leitor a refletir sobre as possíveis resultantes das interações entre as três. Justamente o que faz emergir comportamentos não-lineares de intrincados sistemas adaptativos que - longe do equilíbrio - tanto podem se manter relativamente estáveis, quanto se mostrar capazes de gerar abruptas oscilações, explosões de bolhas, crashes, convulsões, colapsos, etc. Para Raworth, essa "dança da complexidade" paulatinamente substituirá o equilibrismo newtoniano que ainda escraviza o pensamento econômico.

Entre os poucos defeitos dessa excelente exposição sobre sete avenidas evolutivas abertas ao pensamento econômico, destaca-se a incoerência entre a constatação de que são gigantescas as pressões em favor da inércia e a entusiástica aposta da autora de que o ícone da rosquinha possa triunfar por volta de 2030. Pois suas argumentações sugerem, ao contrário, que tamanha revolução científica nem venha a ocorrer neste século, fazendo com que o subtítulo mais apropriado para eventual tradução possa ser algo como "Sete caminhos para se pensar como economista no Antropoceno".

Não por acaso, a primeira crítica pungente à economia convencional surgiu no início dessa nova Época, da lavra de Nicholas Georgescu-Roegen, ainda nos anos 1960. Mas, como a questão do Antropoceno só de raspão é abordada no livro, ficam seus leitores convidados a assistir o vídeo da conversa sobre esse tema no IEA/USP:

<http://www.iea.usp.br/eventos/antropoceno>

**José Eli da Veiga tornou-se professor sênior do IEE/USP (Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo) após trinta anos de docência no Departamento de Economia da FEA/USP (1983-2012). Mantém dois sites: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br) e [www.sustentaculos.pro.br](http://www.sustentaculos.pro.br)**

Compartilhar 2

Share

G+

0

## CONTEÚDO PUBLICITÁRIO

Recomendado por



LINK PATROCINADO

Novo SUV Peugeot 5008, analisado por quem entende de carros

PEUGEOT



LINK PATROCINADO

Flores de Mogi das Cruzes vão para o Brasil inteiro

MOGI DAS CRUZES



LINK PATROCINADO

A melhor forma de conquistar o Padrão ISO de Qualidade

VANZOLINI EM SUA VIDA



LINK PATROCINADO

Garota de 15 anos cria negócio milionário devido a facilidade da tecnologia

LIBERDADE 360



LINK PATROCINADO

Evento traz tecnologias do vale do silício para o Brasil

STARTSE



LINK PATROCINADO

Melhore a produção da sua fazenda com tecnologias revolucionárias

STARTSE

## Década perdida

A propósito do artigo "Otimismo no longo prazo ainda é viável", de Nilson Teixeira, na página A11 da edição de 24/4 do **Valor**, não foi apenas a década de 1980 que foi perdida, eis que nos anos 1990 a taxa de investimento caiu de 22% do PIB, em 1980, para menos de 18%. A poupança doméstica despencou de 28% do PIB em meados dos anos...

25/04/2018 às 05h00 - Luiz Mariano de Campos -

Ver todas | Envie sua mensagem

Anúncio



## Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ser economista no Antropoceno 🔑  
05h00

Reforma trabalhista tem boa estreia e desafios no caminho 🔑  
05h00

Agenda previdenciária para o debate eleitoral 🔑  
05h00

Que o conhecimento se espalhe 🔑  
05h00

Ver todas as notícias

